

Orelha

Ah! O Zé Pedretti?

“Orelhar” para este livro qual a impressão mais funda que me ficou do homem e do poeta? É fácil e prazeroso. Foi a lembrança de homem, como poucos, agarrado ao seu torrão. Um botucaipira. Este era o título de cidadania que nos outorgávamos, os do grupinho da “Folha”: Carlos Gonzaga, Francisco Marins, Moura Campos, Osmar Delmanto e outros além do Pedretti e do Hernâni. Nosso “hino nacional”, o “Tristeza do jeca”, bebida cerimonial soda limonada com cachacinha, no bar do Colosso. O Santo-e-senha: amor incondicionado pela cidade, a qual, nos anos quarenta não vivia seus dias mais glorioso. Estagnava. Por isso, carecia daquele amor cego, absurdo que dá tudo e só reclamava o poder de continuar amando.

O Zé Pedretti, além de amante era poeta. Amava duas vezes. Querem ver até onde? Do alto da escadaria da Normal, fixando o casario esparso pela cumeada oposta, proclamou:- Sete colinas e várias igrejas. Nossa cidade iguala Roma.

Sua poesia, sua prosa, como suas conversas e posturas eram e estão radicadas no telurismo, no bairrismo. Revelo ao leitor algo que pode assustá-lo, dado o utilitarismo predominante em 2003 e romantismo bairrista dos anos pedrettianos.

Alguém conseguiu para ele, no Rio de Janeiro, escola, emprego, moradia. Foi. Torceu pelo Botafogo só porque esse time usava camisa e estrela iguais às da Botucatuense. Um dia, apareceu, de volta: - Tudo muito bem...mas sem o ventinho da serra. Pode alguém Ter sido mais botucaipira?

Voltando, a cidade ganhou o poeta, o jornalista, o professor, o diretor. Mas, pensando bem, afinal, sabia o que fazia. Ganhou. Pois se não Voltasse não teria tido a Lola. E que homem feliz como ter tido as duas preciosidades que mais amou: Botucatu e a Laurentina.

Hernani Donato.